

## **Revista *Exceção*: o desafio de renovar a cada edição<sup>1</sup>**

Martina Wrasse SCHERER<sup>2</sup>

Demétrio de Azeredo SOSTER<sup>3</sup>

Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, RS

### **RESUMO**

A revista *Exceção* é uma produção laboratorial do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). Desenvolvida na disciplina de Jornalismo de Revista, a publicação chega a sua 10ª edição no ano de 2014. Seu foco é o mesmo que todo produto do jornalismo-laboratório: aliar teoria e prática, de forma a preparar o acadêmico para viver o mercado de trabalho, mas sem perder o caráter experimental e inovador. Assim, os estudantes podem desempenhar as diversas funções que incluem a produção de uma revista, entre elas, a diagramação. Para o bom desempenho do projeto gráfico da *Exceção*, foi necessário desenvolver planejamento gráfico e pesquisa de referências e conteúdo teórico. Dessa forma, obteve-se uma revista interessante e atraente, não só em conteúdo, mas também graficamente.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo-laboratório; revista *Exceção*; projeto gráfico; diagramação; renovação.

### **1 INTRODUÇÃO**

A integração entre teoria e prática deve ser um dos objetivos da formação universitária. Em meio a inúmeras disciplinas teóricas, surge a necessidade de aulas prática no currículo da graduação em Jornalismo, que preparem o aluno para enfrentar tarefas profissionais do dia-a-dia jornalístico. Espaços laboratoriais, de experimentação, são, portanto, ambientes onde a articulação teórico-prática se movimenta, não excluindo nenhuma, nem outra. Desde o ano de 2006, quando foi publicada pela primeira vez, a revista *Exceção* cumpre esse papel, de ser uma ferramenta que alia teoria e prática dentro da academia.

Produzida inicialmente na disciplina de Jornalismo Impresso III, ela é, atualmente, produto da disciplina de Jornalismo de Revista, ministrada pelo professor Demétrio de Azeredo Soster. A *Exceção* é planejada a cada semestre, paralelamente ao estudo das teorias e técnicas que envolvem este assunto. Os alunos participam de todos os processos de

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Produção Transdisciplinar, modalidade Design Gráfico.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 9º. Semestre do Curso Comunicação Social – habilitação Jornalismo, email: martina.ws@hotmail.com.

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social, email: dsoster@uol.com.br.

elaboração da revista, desde o planejamento, até a diagramação. O professor assume a função de editor-chefe da edição e as demais funções são desenvolvidas pelos acadêmicos: editor, subeditor, repórter e fotógrafo, revisor, diagramador e os editores de fotografia e multimídia.

O título da publicação, *Exceção*, não é à toa. Sua única premissa editorial fixa é a de não ter regras, ou seja, ser uma exceção; e isso inclui todos os processos da produção da revista, desde a seleção das pautas até a diagramação. A partir dessa condição, uma revista completamente nova é lançada a cada edição – não somente em conteúdo, mas também em formato. Para além da singularidade das pautas e da alternância na estrutura organizacional, um projeto gráfico inédito precisa ser apresentado, o que deve ser encarado como um desafio positivo, que agrega valor a formação acadêmica.

A última edição da revista, apresentada em 2014, sobre a qual se discorre nesse artigo, foi fruto de estudo teórico na área do planejamento gráfico, além de análise de edições anteriores e referências externas. A intenção foi tornar a revista mais interessante a partir do seu visual, para, assim, atrair ainda mais o público leitor, uma vez que o projeto gráfico de um produto tem a capacidade de influenciar o modo com que o leitor interage com a publicação. Um bom planejamento, aliado a sua execução, é a base para um produto único, atraente e de destaque.

## **2 OBJETIVO**

Apresentar um material com bom conteúdo, interessante ao público e inovador deve ser o alvo de qualquer produção jornalística. Nesse sentido, a revista *Exceção* se propõe a desenvolver um produto de qualidade, em todos os seus aspectos. Em diálogo com projeto gráfico, busca-se sempre apresentar uma revista diferenciada, que seja visualmente atraente e propicie uma leitura descomplicada. A produção de uma revista laboratório deve, ainda, proporcionar a vivência de mercado aos acadêmicos, em diversas funções, entre elas, a diagramação. Além disso, a *Exceção* também tem como objetivo exercitar o potencial criativo de um diagramador, a partir da criação de um projeto gráfico inovador a cada edição da revista.

### 3 JUSTIFICATIVA

O exercício do jornalismo laboratorial se justifica uma vez que torna prático o conteúdo trabalhado de maneira muitas vezes apenas teórica em sala de aula, proporcionando uma “articulação teórico-prática, fundamental na formação do jornalista” (LOPES, 1989, p. 23). E várias disciplinas são envolvidas nesse processo, indo muito além da em questão, Jornalismo de Revista: a produção requer noções de Jornalismo Impresso, Técnicas de Reportagem e também Planejamento Gráfico e Editoração Eletrônica, por exemplo.

Nesse sentido, a construção da *Exceção* agrega vários conhecimentos, em diversas áreas, o que corresponde com a profundidade de seu conteúdo e qualidade gráfica, características do jornalismo de revista, segundo Scalzo (2003). Além disso, a produção de uma revista tem momentos bem característicos, que são responsáveis por determinar o que é revista: “os prazos de fechamento, o detalhamento e o desdobramento das pautas, a produção do material visual e gráfico, a relação com fontes especializadas, a criação da capa, a relação direta com o leitor” (BENETTI, 2013, p. 52), por exemplo.

O espaço da produção de uma revista-laboratório, além de refletir a prática jornalística, é um veículo de criação, experimentação e inovação. Conforme Lopes (1989, p. 34), ambas as situações devem ser exploradas: “reproduzir a realidade [jornalística], criar inovações. É importante manter as duas formas combinando-as, intercalando-as e integrando-as”. Assim, o estudante pode, a partir das aptidões desenvolvidas durante a formação universitária, optar pelo caminho que deseja seguir – uma vez que a produção da *Exceção* demanda várias funções – e nele conhecer a realidade e expor sua criatividade.

Ao falar especificamente sobre a função do diagramador, a *Exceção* é um desafio; e nisso ela também pode ser justificada. O fato de ser renovada a cada edição, faz dela um espaço onde o estudante, ou a equipe de diagramação, experimente novas ideias e conceitos, fora do padrão, por vezes engessado, de outros produtos. O projeto gráfico traz identidade, credibilidade e personalidade a uma publicação (GRUSZYNSKI; CALZA, 2013) e é fundamental que essa noção esteja clara para quem for desempenhá-lo. Afora boas ideias, o diagramador também precisa pesquisar referências e conteúdos teóricos sobre o assunto, a fim trazer o melhor ao seu projeto gráfico, uma vez que este torna o produto único e personalizado.

#### 4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A elaboração de uma revista, aqui falando especificamente da sua diagramação, deve começar por um bom planejamento. Através da pesquisa o diagramador consegue, segundo Fuentes (2006, p. 14-15) “aumentar o conhecimento das coisas e dar maior sustentação ao ato criativo, [...] aumentando o seu conhecimento e facilitando uma perspectiva criativa global até a sua resolução”. Assim, foi de extrema importância para alcançar o resultado esperando, planejar e desenvolver conteúdos predeterminados a respeito da proposta que se desejava obter. Como afirma o autor, “é importante definir quais são as razões desencadeadoras de um processo de design, quais são as expectativas, e se elas realmente são compatíveis com o projetado” (FUENTES, 2006, p. 25).

Nesse sentido, todas as decisões tomadas em relação ao projeto gráfico foram, antes de serem aplicadas, discutidas em grupo, com a turma, para ter certeza de que aquilo que estava sendo apresentado era, de fato, o esperado. A partir daí, elaborou-se o projeto gráfico baseado nos elementos básicos da composição visual, segundo Fonseca (2008, p. 207), que são “linha, forma, textura, valor e cor, todos arranjados dentro de um espaço. As imagens, gráficos e fontes tipográficas são formados por esses elementos”. O fundamental na execução de um projeto gráfico é elaborar um padrão que será mantido do início ao fim da publicação, caracterizando-a (Fuentes, 2006).

Assim, sem nenhum padrão anterior a ser obrigatoriamente seguido – aliás, sem poder seguir nenhum padrão –, a ideia foi inovar completamente. A diagramação foi repensada e reformulada, resultando em uma apresentação visual totalmente diferente da até então adotada. As decisões mais importantes para o planejamento basearam-se nos seguintes tópicos: a) conceito ou as ideias que devem ser representadas; b) o grid, espaço a ser utilizado na página; c) as famílias tipográficas e o contraste; d) o uso das cores; e) elementos gráficos a serem utilizados. A linha gráfica depende dessas decisões para iniciar a ser elaborado o projeto e por isso deve ser decidida logo no princípio.

Buscou-se em cada página encontrar o equilíbrio, peso e intensidade ideal para a obter uma boa organização do conteúdo. Uma distribuição bem equilibrada “não significa somente uma colocação idêntica de formas em perfeito ajuste com pesos equivalentes idênticos, mas muito mais uma compensação de valores que demonstrem um equilíbrio visual satisfatório” (FONSECA, 2008, p. 217). Nesse contexto, entende-se que espaços

brancos não são espaços vazios, uma vez que são necessários para equilibrar e compor a página, e por esse motivo foram muito utilizados na *Exceção*. Segundo Fonseca (2008), eles servem tanto para dar ênfase a outros elementos gráficos, quanto para proporcionar descanso e pausa na transmissão da mensagem visual.

## 5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A 10ª edição da revista *Exceção* foi impressa em papel couchê liso, sendo que a capa tem gramatura de 150 gramas e o miolo, 90 gramas. Com tiragem de 500 exemplares, possui 84 páginas coloridas e dimensões de 22x29cm. A capa, a contracapa e o logotipo da revista foram produzidos no programa CorelDraw X7, e a diagramação ocorreu em Adobe Indesign CC 2014. O software Adobe Photoshop CC 2014 foi utilizado para eventuais retoques em imagens. Além disso, o logotipo dessa edição da *Exceção*, a arte para o box *Confesso que...* e a vetorização e processo de ganho de cor da ilustração presente na revista, que ficaram a cargo da equipe de diagramação, também foram feitas em CorelDraw.

O primeiro passo da elaboração do projeto gráfico da revista foi a pesquisa. A partir de conceitos de design, buscou-se pensar os aspectos gráfico-imagéticos para a elaboração de um planejamento gráfico. Tipologia de texto, disposição de colunas, margens, formato, capa, paginação e logotipo foram alguns dos tópicos apresentados à turma pela equipe de diagramação no primeiro encontro para discutir esse assunto. As mudanças gráficas foram amplamente discutidas em sala de aula, assim como outras questões pertinentes sobre a revista, durante todo o período de produção.

A característica marcante desse projeto é a valorização das fotografias. Conforme Scarlo (2003, p. 69) as fotografias são porta de entrada para qualquer matéria: “Quando alguém olha para uma página de revista, a primeira coisa que vê são as fotografias. Antes de ler qualquer palavra, é a fotografia que vai prendê-lo àquela página ou não”. E falando especificamente sobre diagramação, a autora aponta que “é preciso saber posicioná-las nos lugares nobres de cada página”, para valorizá-las. Por conta disso, as duas primeiras páginas de cada reportagem foram dedicadas a uma foto, sangrada e, sobre ela, dispôs-se o título, a linha de apoio, e os créditos dos textos e imagens. Esse recurso foi chamado de “abertura de matéria” (*fig. 1*), uma vez que seria o primeiro contato do leitor com a reportagem em questão.

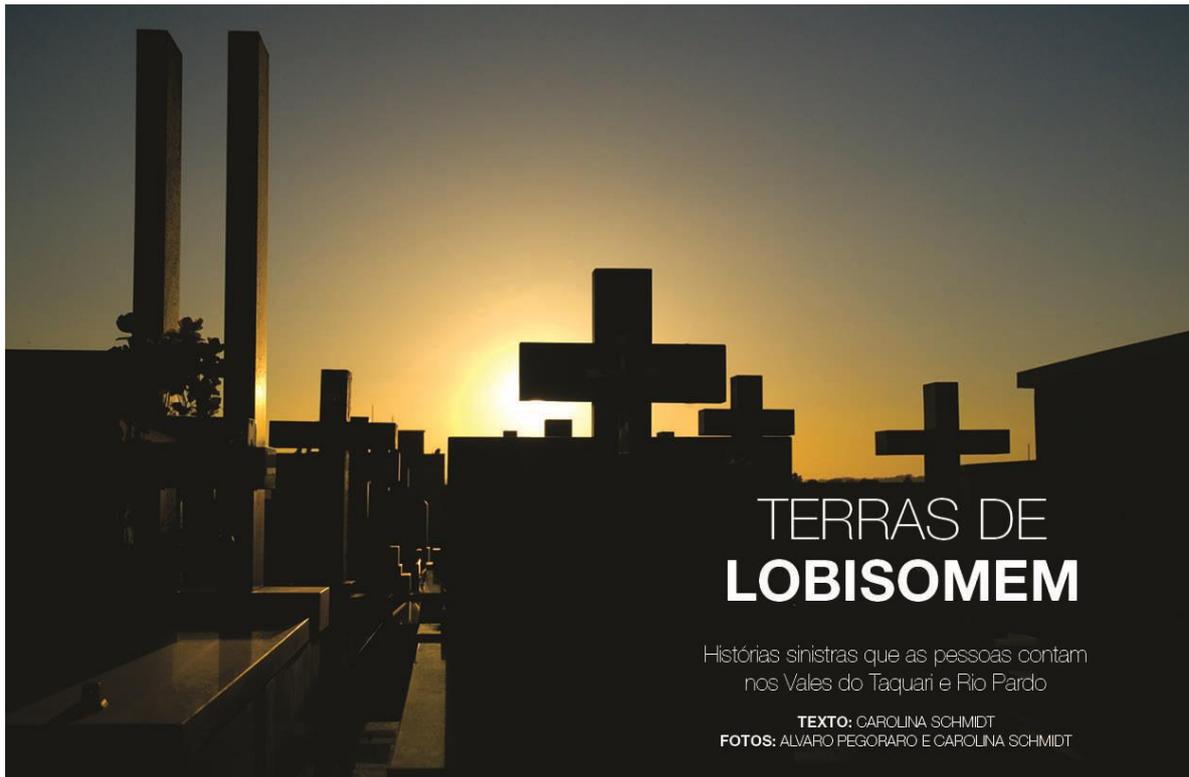


Fig. 1 – Páginas 6 e 7: exemplo de abertura de matéria

Outra opção do projeto foi a de não deixar que as matérias caísse em páginas pares, ou “quebradas”. Ou seja, as páginas das reportagens sempre ocupavam o espaço de duas a duas, podendo ocupar quatro ou seis páginas da revista. Caso o texto fosse maior que o espaço reservado, certa quantia ia para a primeira página, sobre a imagem da abertura. Algumas vezes, quando a imagem possuía muitas cores, por exemplo, utilizou-se uma máscara de transparência (*fig. 2*) para facilitar a leitura das palavras.

Nas páginas internas da reportagem, optou-se por uma grade de três colunas, uma vez que isso facilitaria o diálogo de texto, com imagem. Além disso, considerando o tamanho da página da revista, três colunas foi considerado um tamanho adequado, uma vez que “quando a coluna é estreita demais, é bem possível que ocorra hifenização excessiva e será difícil produzir uma franja enorme. No outro extremo, uma coluna muito larga dificultará a localização dos inícios de linhas em sequência pelo leitor” (SAMARA, 2011, p. 70). Esse processo de trabalhar com colunas previamente estabelecidas é chamado de grid (*fig. 3*). Conforme Samara (2011), seu benefício é proporcionar clareza, eficiência, economia e continuidade.



Fig. 2 - Páginas 50 e 51: exemplo de transparência utilizada para facilitar leitura



Fig. 3 - Páginas 14 e 15: exemplo de grid utilizado nas páginas internas

Na página de abertura da matéria, caso houvesse texto, o mesmo foi disposto em duas colunas apenas, para se diferenciar da diagramação interna e, igualmente, não “pesar” sobre

a imagem, para que a mesma pudesse ser interpretada e apreciada com a mesma atenção. Apenas em uma reportagem esse padrão foi quebrado e o texto da página de abertura passou a ocupar uma coluna; isso ocorreu em função do destaque da imagem estar centralizado e não se pôde aproveitar melhor o espaço, pois isso acabaria prejudicando o entendimento sobre a fotografia.

De maneira geral, trabalhou-se exclusivamente com texto e fotografias na diagramação das reportagens. Houve uma única matéria que exigiu ilustrações, pois seu tema era videogames, então, se utilizou representações de personagens de alguns dos jogos citados. Além disso, em alguns momentos fez-se uso de cores (fig. 4) para delimitar boxes ou diferenciar o quadro *Confesso que...*. Cabe ressaltar aqui que as cores foram pensadas para dialogar com a fotografia escolhida para ser a abertura da matéria. Ou seja, optou-se por uma cor que destacava na imagem para compor os demais elementos que poderiam ser, ou não, um box, e a cor da capitular da reportagem.



anos, assim como a nossa entrevista marcada dias antes. "Se tu tivesses me lembrado, teria comprado um bolo", desculpa-se. O bolo não fez falta, afinal, me saciei com tanta história que ela tinha para compartilhar. Compartilhar, uma palavra que faz parte da sua vida.

Lolô nasceu no dia 26 de junho de 1933. Viu de perto a 2ª Guerra Mundial. Neste período, aprendeu a dar sem esperar nada em troca. Aprendeu, vendo de seus pais, o princípio da solidariedade. O pai Alfred Sedat, cirurgião-dentista, e a mãe Anamária Sedat trabalhavam voluntariamente na Cruz Vermelha, atendendo os soldados feridos.

No fim da guerra, em 1945, quando o Exército Vermelho Soviético começou a invadir a Alemanha, Hannelore foi obrigada a deixar para trás sua casa na Prússia Oriental. Sua mãe teve que reduzir em cinco malas toda a história da família. A irmã, também chamada de Anamária, aos 8 anos, não entendia muita coisa. "Para ela era apenas uma aventura", recorda. Foram três semanas difíceis. "Não sabíamos se íamos acordar no dia seguinte. Mas, depois de certo tempo, já estávamos acostumados com esse sentimento."

Ainda jovem aprendeu a se virar, a ser independente. Aprendeu que a neve seria um ótimo esconderijo. "Quando um avião russo passava, nos detávamos no chão e nos cobríamos com ela". Aprendeu que, mais do que pela sobrevivência, deveria lutar pela sua integridade. "Os soldados russos eram os mais brutais. Eles matavam os homens e estupraavam crianças acima de 10 anos e as mulheres. Depois os matavam."

Nem por isso "ficou sem coração", como muitos que, assim como ela, sobreviveram a dias difíceis. Momentos esquecidos na história e muitas vezes não divulgados. Dias

em que até os que passaram por isso preferem esquecer. "Lembro-me de muita coisa do passado, mas tem certas coisas que, como não gostava de lembrar, foram apagadas da minha memória."

Lolô chegou ao Brasil em 1952. A vinda, através do convite de um amigo da família para passar um tempo no Rio Grande do Sul, seria uma oportunidade para aprender português. "Como não me sentia bem lá, já que os alemães não eram mais os mesmos e pareciam não ter coração, resolvi vir", conta. "Eu entendo eles, afinal, nós perdemos tudo o que tínhamos na guerra."

Os anos se passaram e sua ligação com a Alemanha nunca foi interrompida. Em meados dos anos 80, em São Leopoldo, Lolô começou a trabalhar na Organização Não Governamental (Ong) Amparo ao menor Carente (Amencar), que em 1999 passou a se chamar Associação de Apoio à Criança e ao Adolescente. Por muitos anos a Ong foi mantida pela Kindernothilfe (KNH), sediada na cidade de Duisburg, na Alemanha.

A Ong foi criada em 1972 pelo imigrante alemão Hans Vogel. Para ele, só a educação era capaz de redimir a miséria. O objetivo principal era, desde então, qualificar a vida das crianças e adolescentes. Trabalhava também com o sistema de apadrinhamento, que consiste no envio de ajuda financeira a uma menina ou a um menino brasileiro por parte de um europeu.

O trabalho de Hannelore era justamente o de intermediar o contato entre os padrinhos e afilhados. "Eu traduzia as cartas", conta emocionada. Foram 32 anos de dedicação ao próximo. "Nesse período vi muitas pessoas mudarem. Aqueles alemães que antes tinham o coração duro se tornaram pessoas mais

doças graças as crianças do Brasil". Lolô se aposentou há um ano, mas se pudesse, permaneceria colaborando com a Ong. "Eu amo ajudar. Sinto falta disso", desabafo.

Hannelore reside em Mato Leitão há 12 anos. Foi na cidade de quase quatro mil habitantes, no interior do Rio Grande do Sul, que encontrou pessoas que, assim como ela, se preocupam com o próximo. "Aqui as pessoas se tratam de igual para igual. Posso não conhecê-las, mas ao passar por elas na rua me olham no olho e desejam bom dia". Esse, entre tantos outros motivos, fez com que Lolô se apaixonasse pelo pequeno município, que coincidentemente, foi colonizado por alemães.

A senhora do sorriso fácil chegou ao município por causa de uma filha de coração. "Morava em São Leopoldo quando fiz amizade com Lizete Hickmann, a mãe da menina. Como ela trabalhava em um banco, ajudei a criar a criança, que considero minha filha". Lizete e a filha Barbara Antonina Dávila, moravam em Mato Leitão, motivo forte para Lolô deixar a cidade que residia desde os primeiros dias no Brasil. "Como estava sozinha e, ao conhecer a cidade adorei, resolvi me mudar para cá".

Além da família, que considera sua, Hannelore adotou também os vizinhos. "Tomo café da manhã e almoço todos os dias com a mulher que mora aqui na frente". Além dela, todos que moram na rua se preocupam com ela. "Como não vou ao mercado há seis meses, já que caí e não consigo levantar o braço, se minha filha não pode comprar as coisas para mim, sempre tem alguém que se manifesta e faz as compras."

É com esta preocupação que o Lolô e Tobbi se despedem de mim na porta de casa, na ponta escada. Além do "vá com Deus", fica a promessa do "até logo".

**Confesso que...**

- Ao longo das minhas quase
- 3 horas de entrevista,
- percebi que a mulher de
- 81 anos tem muito mais a
- contar. A história e amor ao
- próximo de Lolô, fizeram
- com eu embarcasse
- numa viagem, sem a percepção
- do tempo. Uma
- viagem da qual não queria
- voltar, apenas desfrutar um
- pouco mais de cada instante.
- Posso ter deixado passar
- alguma coisa, mas tentei,
- através do texto, descrever
- o que vi e senti naquela
- tarde, ao lado de Hannelore
- Goltz, a mulher do coração
- puro, tanto quanto ao de
- uma criança.

74 | Dezembro de 2014 | Exoção

Fig. 4 - Páginas 74 e 75: exemplo da combinação de texto, imagem e cor

O *Confesso que...* foi criação da turma para designar um texto onde constam impressões do repórter ao desenvolver a matéria. Esse quadro demandou a produção de uma arte que o identificasse e que foi utilizado ao final de todas as reportagens. Da mesma forma o logotipo da revista foi pensado e elaborado pela equipe de diagramação da revista.

As fontes utilizadas no projeto foram da família Helvética e Californiam. Para o texto, Californiam Regular, tamanho 12 pt e entrelinha de 15 pt. E para títulos, entretítulos e títulos secundários, linha de apoio, créditos e legendas, Helvética, em diferentes tamanhos e variações de espaçamento. Cabe lembrar que a fonte Helvética pertence ao tipo sem serifa e Californiam é uma fonte de estilo antigo, com serifa. Essa combinação foi escolhida pensando no contraste que o peso de ambas poderia oferecer, uma vez que utilizar fontes de mesma tipografia pode causar enfraquecimento da página. Conforme apontado por Williams (2005, p. 78), “se você colocar dois elementos diferentes em uma página (como duas fontes ou duas espessuras de fio), eles não devem ser similares”. O contraste é utilizado para criar interesse sobre uma página. Também houve a preocupação em escolher fontes claras e que facilitassem a leitura, o que foi identificável após testes de impressão.

A capa foi muito dialogada com o grupo, assim como a contracapa. Ambas foram os tópicos a serem decididos. Para a capa, optou-se utilizar a fotografia de um dos colegas, julgada como a mais representativa para esta edição. Por não ser temática, decidiu-se que a fotografia com uma máscara (a escolhida), representaria melhor o conteúdo, que pode assumir várias facetas, conforme o gosto do leitor. Sobre ela, traçou-se fios em tons de branco que contornam a sua borda, além do logo produzido para essa edição da *Exceção*. Para a contracapa, fez-se uso da arte utilizada para as camisetas de divulgação confeccionadas pela turma. Nela, o dizer “Abra sua mente, abra uma *Exceção*”, faz uso de um jogo de palavras para convidar o leitor a procurar a revista para a leitura. As cores utilizadas, azul e amarelo acompanharam os demais materiais de divulgação e foram escolhidas por serem cores contrastantes.

## 6 CONSIDERAÇÕES

O papel desempenhado pelo diagramador no processo de criação de uma revista é fundamental. É evidente que a estética tem função de extrema importância no sucesso de um produto. Além de conteúdo de qualidade, faz-se necessário dar à produção uma *cara* que chame a atenção e seja interessante, além de repassar credibilidade e personalidade, sem esquecer-se da identidade da edição. Assim, o trabalho de design feito para a revista-laboratório *Exceção* é válido, uma vez que é explorado com muito planejamento e estudo para valorizar e complementar as informações nele contidas, gerando um produto atrativo, claro e inovador.

O maior destaque dessa revista é o fato de ser elaborada pelos acadêmicos, em sua totalidade, desde elaboração de pautas, captação de informações, redação, produção de fotografias, edição e diagramação. Diante disso, é possível reconhecer a sua importância como forma de aprendizado e exercício do jornalismo de revista. Por ser a única experiência nesse formato do curso de Comunicação Social da Unisc, a responsabilidade dos alunos é grande e, ao mesmo tempo, desafiadora.

A revista *Exceção* vem se complexificando na medida em que é estudada e discutida. Durante essas dez edições, conquistou relevância junto, principalmente, à comunidade acadêmica. A nova *Exceção* foi divulgada e aprovada e aceita por todos, juntamente com sua nova diagramação e isso foi perceptível por conta do retorno positivo por parte do público leitor. Percebe-se que, assim, que também o projeto gráfico é parte da informação levada pela revista, e não somente o texto jornalístico ou as fotos apresentadas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENETTI, Marcia. Revista e jornalismo: conceitos e particularidades. In: TAVARES, F. de M. B.; SCHWAAB, R. (Org.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 44 – 57.

FONSECA, Joaquim da. **Tipografia & design gráfico**: design e produção gráfica de impressos e livros. Porto Alegre: Bookman, 2008.

FUENTES, Rodolfo. **A prática do design gráfico**: uma metodologia criativa. São Paulo: Edições Rosari, 2006.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal-laboratório**: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor. São Paulo: Summus Editorial, 1989.

GRUSZYNSKI, A.; CALZA, M. U. Projeto gráfico: a forma de um conceito editorial. In: TAVARES, F. M. B.; SCHWAAB, R. **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 203-220.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

SAMARA, Timothy. **Guia da design editorial**: manual prático para o design de publicações. Porto Alegre; Bookman, 2011.

WILLIAMS, Robin. **Design para quem não é designer**: noções básicas de planejamento visual. 2. ed.. São Paulo: Callis, 2006.